

O objetivo deste ensaio é investigar a mobilidade espacial e os modos que configuram a permanência na terra. O *locus* da investigação desta pesquisa se deu numa parcela do Projeto de Assentamento Ajarani, uma área de Reserva Florestal, localmente conhecida enquanto Bola, no estado de Roraima. Diversas modalidades de ocupação, demanda pela terra, seus sentidos e formas de significá-la por parte dos demandantes desta parcela conformam uma territorialidade específica. Homens e mulheres que permanecem na Bola, referem-se a si como teimosos, pessoas insistentes que enfrentaram adversidades para permanecer nesta localidade. Em referência a estas formas locais de sociabilidade, observamos que diversos são os tempos e modos de deslocamento que marcam relações sociais e permeiam o andamento das atividades rotineiras. Os sentidos que a terra assume para aqueles que vivenciam processos de deslocamento e ocupação atravessam diversos usos e sociabilidades locais, tendo como consequência o que chamo de performance de atividades cotidianas que asseguram a permanência na terra. Considerando circulação como uma possibilidade de chave explicativa para diversas dinâmicas de trocas, de circulação de pessoas, bens, dons, dádivas, dívidas, pessoas e afetos, é possível falar de diversos elementos da região: trânsito de pessoas na região do PA Ajarani, trocas e favores, circulação de informações e fofocas. Se, no universo dos possíveis, ficar no lote ou deixá-lo, constituem opções no horizonte, o que faz as pessoas permanecerem? A este respeito, o argumento é de que abrir as picadas inaugura o “tempo de acampamento” para aqueles que participam de acampamentos e aberturas de estradas na Amazônia. Porém, modos específicos de sociabilidade se desenrolam na continuidade dos modos de habitar e cuidado da terra que produz pertença. A hipótese é a de que na produção de um tipo de território específico se produzem também formas particulares de habitar, neste caso, na Amazônia, perpassando relações, pessoas, tempos e regimes de trabalho.

Palavras chave: mobilidade espacial, Amazônia, ruralidade

Introdução

Considerando circulação como uma possibilidade de chave explicativa para diversas dinâmicas de trocas, de circulação de pessoas, bens, dons, dádivas, dívidas, pessoas e afetos, é possível falar de diversos elementos da região: trânsito de pessoas na região do PA Ajarani, trocas e favores, circulação de informações e fofocas, exploraremos as dinâmicas de mobilidade social e o que torna a permanência na terra possível. Privilegiando formas de interação e a inteligibilidade do sensível buscamos compreender como estes elementos concebem os usos dos lugares e a forma como as pessoas compreendem a região.

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília-DF.

Se, no universo dos possíveis, ficar no lote ou deixá-lo, constituem opções no horizonte, o que faz as pessoas permanecerem? A este respeito, o argumento é de que abrir as *picadas* inaugura o “tempo de acampamento” para aqueles que participam de acampamentos e aberturas de estradas na Amazônia. Porém, modos específicos de sociabilidade se desenrolam na continuidade dos modos de habitar e cuidado da terra que produz pertença. A minha hipótese é a de que na produção de um tipo de território específico se produzem também formas particulares de habitar, neste caso, na Amazônia, perpassando relações, pessoas, tempos e regimes de trabalho. Nesta perspectiva, o que é produzir e permanecer neste ambiente amazônico? O que é ser um/uma *teimoso/teimosa*? E mais, o que é ser um *cutiã*?

Diante de tais perguntas, priorizamos, neste ensaio, tratar das diversas modalidades de comunicação, bem como deslocamento e trocas que perpassam relações. Entendendo que tais elementos se desdobram em formas locais de sociabilidade e de apropriação territorial.

Vida de cutiã – modalidades das relações

É razoável observar na região do Projeto de Assentamento Ajarani uma massiva presença de homens solteiros e, geralmente, sem filhos, chamados localmente de *cutiã*, talvez em alusão à cutia, um animal com hábitos solitários. De longe, não recorro a primeira vez, ou contexto no qual escutei o termo *cutiã*. Desconfio que tenha sido num dos encontros do grupo de pesquisa “O universo rural em Roraima em perspectiva: processos e transformações sociais” do qual participei durante o período de graduação em Antropologia (UFRR). A conversa era marcada por tom jocoso daqueles que falavam dos *cutiões*, desses homens solteiros, morando sozinhos nos lotes nos mais diversos contextos rurais em Roraima.

Dados do censo agropecuário realizado em Roraima pelo IBGE em 2006 mostram que, no que concerne às características do estabelecimento agropecuário, é predominante a posse masculina de lotes em Roraima, como também o maior número destes nas localidades rurais, quando comparado a mulheres. O número de proprietários de lotes homens é igualmente dispare, quando comparado a mulheres, 127 contra 9.²

² Conferir:

<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=140028&idtema=3&search=roraima|iracema>

A partir do material etnográfico desta pesquisa, pude perceber que cutiã era mais que uma categoria jocosa. E aqui, destaco a jocosidade enquanto elemento de ambiguidade, que pode conter tom de acusação, respeito, constrangimento, implicando, ou não, em evitação. Para tratar dos múltiplos contextos e diversas intensões mobilizadas ao se acionar esta categoria de cutiã, levantaremos uma discussão sobre processo de denominação, tipos de controle das modalidades das relações destas pessoas e os caminhos que conformam esta forma de representação, uma categoria coletiva.

Os fenômenos que designam a maior presença de homens no campo, em relação ao número de mulheres, implicam, em geral, a um maior número de homens solteiros. É o que ocorre na *Bola* e se estende a todo o Projeto de Assentamento Ajarani e outras localidades rurais do estado de Roraima. A conformação de um quadro social no qual homens solteiros constituem parte significativa da população não é exclusividade do Ajarani. Porém, assume formas muito particulares a depender do contexto sócio histórico em que se localiza. De forma comparativa, traremos alguns exemplos de contextos etnográficos diversos para, em seguida, explorarmos as especificidades locais que nos permitem pensar a ocupação masculina no Ajarani.

Em contexto etnográfico localizado na América Latina, mais especificamente na zona rural da porção norte do Haiti, Bulamah (2013) mostra como certas lógicas de divisão e limites entre parcelas de terras têm relação com as divisões patrimoniais das famílias e, conseqüentemente, os regimes matrimoniais. Ao analisar a situação de um homem solteiro nesta localidade e as implicações de tal condição para ele e seu grupo parental, o autor mostra como esta condição atravessava desde situações jocosas, até implicações mais sérias como formas de nominação (a ele são dirigidos apelidos que dizem respeito a sua figura materna) e áreas de cultivos e vendas da família nos mercados e feiras locais. Em concordância com a condição de solteiro deste homem, os trabalhos de venda no mercado eram feitos por sua mãe, algo atrelado a críticas e jocosidades.

Percorrendo o caminho de outras situações de homens solteiros, sugere que na falta daquilo que chama de “signos de masculinidade”, eram atribuídos elementos do “universo feminino local”: “Um *jeran lakou* alguém da família, normalmente homem solteiro, que por uma razão relacionada necessariamente à sua condição de celibato passa a “gerir o *lakou*” de modo a cuidar da limpeza das casas e do pátio, a criar situações de

convívio, pensar questões ligadas à sucessão, a casamentos, heranças e trocas (BULAMAH, 2013, p.67)”³.

Ou seja, percebemos que tais “signos de masculinidade” são formas locais e especializadas que dizem respeito a regimes matrimoniais, divisão sexual de tarefas, possuir, ou não filhos. A pessoa solteira, “*jeran lakou*”, presente nas famílias rurais haitianas, eram relegadas tarefas e formas de sociabilidade que visavam a manutenção do grupo doméstico. Em uma última descrição de um jovem celibatário, o autor destacava que por ter problemas na fala, dentre outros atributos, estava sujeito à condição de solteiro, dedicando-se ao preparo de café, comida e trabalho nas diversas roças de seu grupo doméstico.

Em concordância com os “signos de masculinidade” como maneiras especializadas, locais e situacionais de se tratar regimes matrimoniais, presença ou ausência de filhos, como também uma certa divisão sexual de tarefas, no Ajarani, estas formas se mostram operativas de modos específicos. Os *cutiões* parecem estar sujeitos a formas locais que dizem respeito a divisões sexuais de tarefas. Na situação em que a ausência de uma companheira é marcada, é esperado que o homem assuma as tarefas de limpeza da casa, preparo de alimentos, lavagem de louças, roupas, limpeza do terreno, plantio de canteiros e cuidado com os animais de criação (galinhas, patos, porcos). Tarefas estas, em geral, associadas ao universo das mulheres.

Em se tratando dos regimes matrimoniais, a configuração do celibato no Ajarani não está associada, diretamente, a implicações específicas em grupos domésticos locais. Quero dizer com isso que esta condição não implica em assumir funções específicas diante de um grupo de parentes. Afinal, a maioria de meus interlocutores não possuía parentes consanguíneos na região. No que diz respeito às modalidades de comunicação, se por um lado, as habilidades de fala podem estar associadas a uma facilidade de conformar novas relações, por outro, não são garantia da ausência do celibato.

No norte do Goiás, em Minaçu, Guedes (2013) identifica formas específicas de homens solteiros habitarem o mundo e nele se deslocar. Ao estado civil de certos homens nas atividades de garimpo, estava associada uma maior flexibilização de relações de trabalho e maior probabilidade de mobilidade. O autor sugere que relações de trabalho de maior durabilidade e estabilidade, pareciam carregar em si atributos maternos, como a

³ Nesta localidade, um *lakou* designa um grupo doméstico local, atrelado a lógicas de parentesco próprias.

empresa que cuida, por exemplo. A isso se contrapondo, as modalidades menos duradouras estariam associadas ao “febril”, aquilo que arde e logo se dissipa, porém garante mobilidade favorável ao desejo de autonomia no trabalho e nas escolhas de vida. Ao desejo de “cair no mundo”, o autor associa uma longa disposição “sertaneja” para a mobilidade.

Ao descrever o convívio com seus interlocutores e localizar-se enquanto homem solteiro, o autor indica que esta posição marcava relacionamentos, e o apontava enquanto pessoa com inclinações para sair, beber e, igualmente, sugeria que ele estava apenas passando uma temporada. Algo que, em suas palavras, configurava uma espécie de “sociabilidade masculina e juvenil”. Tal sociabilidade com disposição para o deslocamento se mostrava potente quando acompanhada da aquisição de uma moto. Então, o dinheiro, a aquisição de bens de locomoção, estão associados a uma forma de se movimentar, possibilidades de “cair no mundo”.

Neste universo de sociabilidade, entrecortado por andanças e “varar no mundo”, era esperado que os homens pudessem constituir famílias, em alguns momentos, e estarem solteiros em situações posteriores. Igualmente, era esperado que homens solteiros não criassem filhos sozinhos, independentemente de sua situação financeira. Dentre seus interlocutores de meia-idade e solteiros, era comum que tivessem constituído família em algum momento de suas vidas. Isto posto, os modos de habitar e de elaborar as mais diversas modulações de mobilidade, parecem ter relação não só com a idade, mas com a condição matrimonial do homem.

Em referência a uma abordagem diacrônica da ocupação desta região mineradora, no século XVIII, o autor cita que a visão da sociedade colonial, centralizada na família não previa a não constituição de laços matrimoniais entre as pessoas daquela localidade. De sorte que os vínculos matrimoniais se constituíram de forma marginal, prevalecendo-se a presença de homens solteiros e “desenraizados”.

De maneira análoga, na região do vale do rio Ajarani, as formas de homens solteiros habitarem o mundo e nele se deslocarem, têm relação com seu estado civil. A maioria dos homens que possuem lote na região e são localmente identificados como *cutiões*, experimenta considerável parte de seus dias nos limites do Projeto de Assentamento Ajarani, fazendo visitas pontuais a localidades próximas. Contrapondo a isto, homens casados e que possuem filhos, uma vez trabalhando em lotes desta região, costumam deslocar-se para vilas e cidades próximas, nas quais, em geral, suas companheiras moram. Ou seja, diferentemente de Minaçu, onde os homens solteiros

parecem ter uma maior flexibilização de deslocamento, são os homens casados, no Ajarani, que se deslocam com maior frequência. Seja para visitar suas famílias, resolver algum tipo de burocracia, situação escolar dos filhos, ou questões relacionadas a saúde. Os *cutiões* são os que ficam.

Ainda de maneira comparativa, percebemos que a passagem pelo garimpo carrega em si marcas de um tempo de aventuras, novas descobertas e desafios. Tal disposição para aventura e desejo de explorar o mundo, bem como manter ocupações nas quais a liberdade do andar fosse garantida, têm relação com os modos de habitar destas pessoas. De modo que podemos afirmar a continuidade entre formas de ocupação e as ocupações laborais, uma vez que mobilidade e trabalho estão intimamente ligados, observando nisto o sentido histórico na produção territorial desta localidade, perpassado por projetos de colonização, era do eldorado, *abertura de picadas*.

Deste modo, aos homens solteiros é relegado a maior flexibilização de relações de trabalho e maior probabilidade de grandes deslocamentos, para outras regiões. Explico: se no garimpo, os deslocamentos eram motivados por paixões, desejo de *bamburrar*, tornar-se rico com a captura de uma valiosa pepita de ouro, é também nesta atividade que os ganhos financeiros acompanham maiores deslocamentos para aqueles que não possuem vínculos matrimoniais. Uma vez que o retorno para uma companheira não é obrigatório, as chances de se deslocar pelas mais variadas atividades trabalhistas e locais, é maior. Ou seja, ser solteiro carrega em si uma potencialidade para deslocamentos entre as mais diversas ocupações.

Isto posto, o câmbio entre cenários rurais e urbanos, como também os trabalhos na roça, garimpo e as mais diversas ocupações ofertadas em contextos urbanos, é mais praticado por *cutiões*, se comparado a homens com vínculos matrimoniais duradouros e presença de filhos. Então, observamos duas modalidades de deslocamento: aquela que diz respeito aos deslocamentos pontuais, em referência às proximidades de vilas e cidades, que melhor caracteriza a de homens casados. Contrapondo aos deslocamentos, muitas vezes, relacionados aos trabalhos, desejos de conhecer outros lugares e alcançar ganhos financeiros que possibilitam mais potência de deslocamento, como também manutenção de autonomia de trabalho e escolhas, associados aos *cutiões*.

A conformação de uma sociabilidade com disposição para o deslocamento, no Ajarani, constitui o que chamo (inspirada em Guedes, 2013) de modalidade febril de mobilidade. Nesta região, observamos que o câmbio entre garimpo, roça e cidade ocorre de forma distinta a depender de homens casados ou solteiros, bem como é mobilizada a

partir de diferentes intensões. Os modos de habitar e de elaborar as mais diversas modulações de mobilidade ganham forma a partir de ações e desejos de pessoas, não estando distanciado de suas formas de constituir, ou não, laços matrimoniais.

Esta modalidade febril de mobilidade se conforma desde elementos que versam sobre a autonomia de trabalho e de escolha acerca dos locais onde se pretende morar e trabalhar. A situação de uma morada mais duradoura no lote não exclui a possibilidade de retornar ao garimpo, ou ir à procura de outras colocações nas cidades e vilas próximas. Entretanto, para aqueles que são solteiros, estas alternativas parecem não só tentadoras, como possíveis. Se a vinda à Roraima, para alguns de meus interlocutores, foi motivada pelo garimpo, os caminhos a seguir pós decadência da grande produção aurífera, parecem que carregaram em si os aspectos de sociabilidade constituídos neste primeiro momento. Ou seja, mesmo quando realizada em grupo, a exploração do ouro constitui-se enquanto um caminho solitário para aqueles que a desejavam. Marcando distanciamento de possíveis famílias previamente formadas, ou, a depender das disposições e intensões dos homens, dificultando formas mais estáveis de relacionamento, como por exemplo, habitar a mesma casa e ter filhos.

Como no garimpo, onde os deslocamentos eram promovidos, sobretudo, por notícias de áreas mais vantajosas de exploração do ouro, caracterizadas pelas *fofocas*, nas diversas formas de habitar e montar acampamento, a *fofoca* acompanha a propagação das notícias, consolida o desejo da mobilidade, e projeta sonhos. De modo que permanecer *cutiã* é também manter a possibilidade de autonomia para seguir as *fofocas* de modo autônomo, sem depender de decisões que digam respeito a um determinado grupo doméstico. Exemplificamos estas afirmações com dois exemplos a seguir.

Em primeiro lugar, descreveremos a situação de um casal: Cleusa e Léon. Na época em que buscavam um lote no Projeto de Assentamento Ajarani, ele estava passando uma temporada trabalhando no garimpo num país limítrofe ao Brasil, Guiana. Na situação do casal, o período de Léon no garimpo foi reduzido por alguns fatores e acontecimentos. Ele precisava acompanhar sua companheira que fora para o PA Ajarani e, simultaneamente, contraiu leishmaniose no garimpo. De sorte que voltou *brefado*, ou seja, não obteve retorno no tempo e dinheiro investido na exploração aurífera. Ao que parece, seu retorno precoce deu-se a partir de uma situação de doença, prejuízos e, sobretudo, desejo e necessidade de retornar ao encontro de sua companheira.

Contrapondo a situação matrimonial de Léon, o segundo exemplo conta o caso de Ceará, um senhor prestes a se aposentar e solteiro. Algumas das expressões que

ele utiliza para explicar seus processos de deslocamento, bem como sua tomada de decisão, reforçam o argumento que a autonomia de trabalho e liberdade de escolhas são intrínsecas às tomadas de decisão: “Tenho passaporte, minha filha, eu posso avoar para onde eu quiser, polícia não me ferra não”. E em seguida: “Qualquer serviço eu vou”. Ao descrever os locais pelos quais trabalhou e morou, não fazia menção a considerar pessoas de um determinado grupo doméstico para tomada de suas decisões. De modo que a duração, como também a escolha dos locais é tomada a partir de outros elementos, como autonomia, liberdade, desejo de andar.

Na proposta de Vincent (1977), percebemos que os movimentos têm seus efeitos para além dos limites do local observando, estendendo-se para processos diacrônicos, bem como pessoas de fora daquela localidade. Para esta autora, as dinâmicas de mobilidade e “fluxos sociais” variam a depender de múltiplos arranjos que conformam relações e valores em fluxo. Se por um lado, a importância dos laços matrimoniais foi explorada desde a incorporação de grupos, passando pelas lógicas sucessórias da terra, até a escolha de parceiros em parcelas aproximadas, no intuito de expandir os domínios territoriais do grupo doméstico, por outro, são identificados padrões de mobilidade social diversos, que dizem respeito a lógicas matrimoniais locais, sexo e idade.

Para a autora, em se tratando do universo do movimento de mulheres na “sociedade agrária”, vê-se acompanhado a ida destas mulheres para os centros urbanos e emprego em atividades que não sejam ligadas ao trabalho na lavoura, o que ela chama de liberdade frente à opressão do sistema patriarcal. Em relação à mobilidade das crianças, a estrutura educacional oferecida pelos contextos rurais e “o valor atribuído às crianças como bens econômicos potenciais a serem distribuídos entre uma estrutura de parentesco ecologicamente adaptada (VINCENTE, 1977, p.385).

A presença, ou falta de mulheres enquanto assunto de conversas do âmbito cotidiano é tratada enquanto elemento que marca a vida dos cutiões. Aqui percebemos uma oposição entre gênero masculino e feminino que marca possibilidades diferentes divisões do trabalho, tipos de saída, diferentes fluxos e múltiplas possibilidades de circulação (VINCENT, 1977). Por outro lado, a presença de mulheres na região sempre chama muita atenção, sendo marcada por disputas de conquistas pelos cutiões e, a depender do contexto, situações de desconforto.

Em pesquisa de campo realizada no Espírito Santo, Nogueira (2004) pensa a situação do que chama de “subordinação feminina” desde uma perspectiva de transformações estruturais com o crescimento do agroturismo, que desestabilizou aquilo

que era localmente entendido enquanto atribuições sociais das mulheres. Se em um momento, anterior ao agroturismo, as mulheres se viam em situação desvalorizada do campo das tarefas reprodutivas e domésticas, em momento posterior, esta nova atividade econômica, acompanhada de seu caráter remuneratório e público, desestabiliza estas atribuições.

Determinada produção no campo dos estudos rurais vai compreender a constante saída de pessoas do sexo feminino para as cidades e a maior permanência de homens no campo enquanto um fenômeno de “masculinização do campo”. Entretanto, no Ajarani, minha hipótese é que a sociabilidade masculina que caracteriza parte da modalidade febril de mobilidade, é um *continuum* no espaço-tempo que diz respeito aos modos de se deslocar que vão desde o garimpo até a chegada na roça. Nesta modalidade febril de mobilidade, ao menos no que diz respeito aos *cutiões*, o desejo de autonomia, de andar no mundo, bem como tomada de decisões, não parecem estar atreladas a um grupo doméstico específico.

Em parte, o número diminuto da presença de mulheres em relação ao número de homens, no Ajarani, se explica, por alternativas de trabalho nas cidades, seja para estudar, seja para trabalhar no setor de serviços, saúde e educação. Porém, levando a sério a proposta de Vincent (1977) que abarca os processos históricos enquanto elementos constitutivos das dinâmicas de mobilidade, o celibato que marca a chegada à Roraima, a ida sozinho ao garimpo, acompanha os deslocamentos posteriores. Igualmente, como mostramos nos parágrafos anteriores, os *cutiões* carregam em si potencialidades para promoverem deslocamentos que percorrem os mais diversos locais e ocupações trabalhistas, uma vez que não possuem companheiras para as quais retornar.

Conclusão

Diante de tais afirmações, percebemos que, de modo aproximado, no Ajarani nos deparamos com modos específicos de deslocamento que perpassam a mobilidade de homens e mulheres. Tais possibilidades de deslocamentos estão informadas desde uma série de elementos como pudemos explorar: filiação a determinado grupo doméstico, oportunidades de trabalho no garimpo, constituição de rede de vizinhos e amigos, possibilidades de deslocamentos potencializadas pela aquisição de meios de transporte, oportunidades de estudar na capital de Roraima e demais cidades vizinhas.

Os modos febris de mobilidade, que muito têm a ver com os tipos de deslocamento que perpassam o universo masculino de andar no mundo, não escapam a

códigos de comportamento que são dispositivos reguladores dos modos de interação, atravessando diferentes tipos de relações. O esforço empreendido pelos cutiões a fim de promover a manutenção de sua autonomia de trabalho tem relação com os modos de ocupar esta região. Tal fato é observável, desde uma perspectiva diacrônica, no desejo de *abrir as picas*, de *bamburrar* no garimpo, de procurar lote pela *fofoca*.

É igualmente possível afirmar que tivemos acesso privilegiado aos modos de sociabilidade destas pessoas desde uma perspectiva feminina, por meio do andar junto a mulheres, bem como ouvir suas percepções. Tal como concebido neste ensaio, percebemos que os modos de mobilidade que constituem o andar feminino, perpassam o universo das possibilidades de estudo em localidades entendidas como urbanas, como também na possibilidade de fazer uso de equipamentos, serviços, bens e produtos encontrados nestas localidades. De modo que as possibilidades de deslocamentos destas mulheres são potencialmente variadas e múltiplas, quando comparadas aos dos homens. A esta mobilidade, particular e diferenciada a depender da pessoa, é notável a relação com os modos de ocupar a terra, bem como trabalhá-la.

Referências Bibliográficas

BULAMAH, Rodrigo Charafeddine. **O cultivo dos comuns**: Parentesco e práticas sociais em Milot, Haiti. Dissertação de mestrado, IFCH/UNICAMP, 2013.

GUEDES, André Dumans. **O trecho, as mães e os papéis**: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. 1 ed; São Paulo: Garamond, 2013.

NOGUEIRA, Verena Sevá. **A “venda nova das imigrantes”**: relações de gênero e práticas sociais do agroturismo. Dissertação de mestrado. PPGAS/Unicamp, 2004.

VINCENT, J. **A sociedade agrária como um fluxo organizado**: processo de desenvolvimento passados e presentes. In: FELDMAN-BIANO, Bella. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Globo universitária, 1987.